



REFLEXÕES ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE REPRODUTIBILIDADE FAMILIAR NO PDS PORTO SEGURO, MARABÁ-PARÁ¹

Anastacia Pavão Oliveira*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa

anastaciapavao@unifesspa.edu.br

Andrea Hentz de Mello**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa

andreahentz@unifesspa.edu.br

RESUMO: A mesorregião sudeste do Pará foi marcada por uma dinâmica de desenvolvimento pautada no uso da natureza como fonte de recurso, baseando-se nos sistemas produtivos principalmente na implantação da pecuária extensiva. Nesse contexto o PDS Porto Seguro se insere no território com adoção de dinâmicas produtivas que se afirmam em atividades de baixo impacto ambiental, por necessidade de marco legal. Os sistemas agroflorestais ajustam-se a essa proposta por compor em seu arranjo o cultivo de espécies frutíferas e essências florestais como alternativa tecnológica de produção na paisagem local.

PALAVRAS-CHAVE: Sistemas Agroflorestais – Complexidade – Indizível

¹ O presente artigo é um recorte da discussão que consta na pesquisa de dissertação que se encontra em construção intitulada “Sobreviver com a mata em pé”: Sistemas Agroflorestais como alternativa tecnológica para reprodução social – Caso do PDS Porto Seguro, Marabá/PA no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- Unifesspa.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA -2019) pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e cursa Pós-Graduação Lato sensu em Recomposição de Áreas Degradadas e Alteradas (RADA-2019) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Rural. Bolsista da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos Pesquisa - FAPESPA. Integrante do grupo de pesquisa Manejo de solo e de planta em sistemas sustentáveis de produção - IFPA.

** Doutorado em Ciência do Solo pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Associada I da Faculdade de Ciências Agrárias de Marabá da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, professora e do Mestrado em "Dinâmicas Territoriais e Sociedade da Amazônia" e Membro da Comissão Acadêmica Institucional do Programa de Pós- Graduação e Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação Tecnológica (PROFNIT).

REFLECTIONS ON FAMILY REPRODUCIBILITY STRATEGIES AT PDS PORTO SEGURO, MARABÁ-PARÁ

ABSTRACT: The southeastern mesoregion of Pará was marked by a development dynamic based on the use of nature as a source of resources, based on the productive systems mainly in the implantation of extensive livestock. In this context, the Porto Seguro PDS is inserted in the territory with the adoption of productive dynamics that are affirmed in activities of low environmental impact, due to the need for a legal framework. The agroforestry systems adjust to this proposal by composing in its arrangement the cultivation of fruit species and forest essences as a technological alternative of production in the local landscape.

KEYWORDS: Agroforestry Systems - Complexity – Unspeakable

INTRODUÇÃO

A discussão que se propõe neste relato de experiências, acerca da reprodutibilidade familiar em estabelecimentos familiares agrícolas em ecossistema amazônicos, mas especificamente a mesorregião sudeste do Pará. É fruto do processo inicial de reflexão epistemológica sendo necessário tocar a perspectiva teórica de agricultura familiar, aproximando o olhar de como esta se dinamiza na mesorregião sudeste do Pará. Em números a mesorregião sudeste do Pará é composta por 39 municípios, esses ocupam uma área de aproximadamente 297 km² conjuntamente, representando 23,7% do território paraense e 7% de toda região norte (ROSA,2012). Esses dados nos permite refletir a partir da extensão do território que esta foi inserida na mesma dinâmica de ocupação pautada no uso da natureza como fonte de recursos naturais, base para dinâmica de ocupação da região Amazônica.

Os modelos de desenvolvimento para o território foram pensados por dois vieses distintos: modelos endógenos e exógenos. No primeiro, considera-se a partir das dinâmicas locais de reprodutibilidade familiar das políticas de desenvolvimento. Esse último perpassa pela lógica de apreender nas dinâmicas locais políticas de desenvolvimento externas, que não as consideram, deixando como resíduos da implantação do modelo, a alteração na paisagem local e alteração nas estruturas sócio culturais estabelecidas, logo que na lógica de desenvolvimento proposto pelo Estado o território deveria ‘ajustar-se’ para atender o molde do desenvolvimento externo proposto (BECKER, 2001).

A região Amazônica foi exposta as novas formas de exploração e/ou ocupação pelo caos político do Brasil independente, sendo presente práticas coercitivas de pistolagens, implantação de latifúndios e conflitos de luta pela terra (HÉBETTE, 2004).

Neste contexto a região sudeste do Pará passou por diferentes frentes de expansão, estas se consolidaram em diferentes frentes que atendessem a dinâmica de exploração e ocupação da região. A cidade de Marabá foi formada a partir da exploração da castanha (*Bertholletia excelsa*), na intensificação da pecuária extensiva e atividades mineradoras (VELHO,2009). A partir desta proposta de ocupação territorial este primeiro momento de frentes de expansão da pecuária e da castanha passaram por uma forte influência migratória, advinda principalmente da região sul do Maranhão (MICHELOTTI, 2008).

A proposta de ocupação territorial pela adoção da pecuária extensiva – sistema de criação de bovinos em pastagem, sem confinamento – adequa-se as condições da região, pois ajusta-se como atividade inicial pelo fato da facilidade de aporta-se em regiões que apresentem distância do mercado consumidor e onde as condições de estruturas e meios de transportes são deficientes (DIAS-FILHO,2014).

Por tais especificidades a criação bovina de forma extensiva adequa-se ao cenário de desenvolvimento proposto para mesorregião sudeste do Pará. Em Marabá, esse tipo de criação é incentivado pela prefeitura municipal em meados da década de 50, estimulando invernistas a fixarem moradias na cidade, logo que a carne utilizada para consumo interno advinha dos estados de Goiás e Maranhão (VELHO,2009).

Desta forma, sabendo que o campesinato da mesorregião Sul e Sudeste do Pará é marcado por frentes hegemônicas de desenvolvimento – agronegócio, mineração e hidrelétricas (propostas de desenvolvimento exógenas), no território, o campesinato pode ser compreendido como: “conjunto de sujeitos, agricultores, indígenas e quilombolas e de populações tradicionais, que têm uma fonte de reprodução material e imaterial.” (MARTINS;MORENO, 2018 p. 233)

A reprodução social, pode então ser compreendida como as especificidades do campesinato materializada no território, sendo marcada por um por pluralidade de vieses para compreensão da sua dinâmica. Logo que a reprodutibilidade familiar envolve a confluência de uma diversidade de relações - econômicas, sociais, políticas e simbólicas (ALMEIDA, 2016).

A adoção de sistemas de produção que são pensados a partir das dinâmicas endógenas das comunidades, que busque alternativas que contribuam para estabelecimentos de sistemas de produção mais harmônicos em relação ao uso da natureza como fonte de recursos poderiam se configurar como alternativas tecnológicas contra hegemônica as proposições de desenvolvimento externamente proposto às comunidades.

Neste sentido, os sistemas de produções que se norteiam por princípios agroecológicos demonstram viés contra hegemônico, principalmente na região sudeste do Pará, com influência da pecuária extensiva. Logo que o objetivo final da agroecologia é responder positivamente quanto a sustentabilidade econômica e ecológica dos agroecossistemas e os sistema de manejo destes agroecossistemas sejam baseados no uso de recursos locais (inputs) e que suas ações operacionais sejam adequadas às condições socioeconômicas e ambientais.

Dentro das alternativas tecnológicas dos sistemas de produção adotadas nos sistemas agroecológicos, apresentam-se os SAF. Os sistemas agroflorestais podem ser definidos como: “formas de uso e manejo da terra, nas quais árvores ou arbustos são utilizados em associação com cultivos agrícolas e /ou animais, numa mesma área, de maneira simultânea ou numa sequência temporal.” (DUBOIS, 1996 p.3)

No contexto da reforma agrária proposta pensada para a dinâmica local, os acampados da antiga fazenda Balão II, estabelece-se na condição de Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Resgato o verbo condição, visto que através de marco legal os agricultores estabeleceram em seus sistemas de produção atividades de baixo impacto ambiental, contrapondo-se a lógica local de reprodução social que tem por base a pecuária extensiva.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é a partir dos conceitos – agroecologia e sustentabilidade – perceber e refletir sobre a abordagem interdisciplinar que perpassa as estratégias de reprodutibilidade familiar no PDS Porto Seguro.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Esta reflexão apoiou-se em referencial teórico e registro de campo em dois momentos na forma de gravações e observações escritas e resgate de percepções.

O primeiro momento ocorreu no dia 13 de março de 2019 no curso da I Missão de Trabalho do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) – Amazônia que houve a interação de estudantes do PDTSA e professores das seguintes instituições: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) e Universidade Federal de Roraima (UFRR), todos vinculados a programa de pós-graduações que contribuíram para discussões nas conferências realizadas, assim como no momento de aproximação da realidade das comunidades que acolheram os participantes da I Missão PROCAD-AM.²

O segundo momento de observação ocorreu no curso de extensão em Sistemas Agroflorestais Agroecológicos realizado de 22 a 25 de maio de 2019 pela Comissão Pastoral da Terra – CPT em parceria com a Unifesspa e Pró-reitoria de Extensão (PROEX), Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Pará (FETAGRI-PA), tendo a participação de agricultores dos municípios de Marabá, Jacundá, Rondon do Pará e indígenas de comunidades no município de Marabá.

O curso foi dividido em quatro módulos, sendo que neste primeiro o objetivo era discutir agroecologia e sistemas de produção, com a exposição pelas comunidades de como percebem os sistemas de produção agrícolas e pecuários adotados em seus territórios. A dinâmica de trabalho foi organizada em espaços de discussões em grupos de trabalho e socialização.

Desta forma, as reflexões iniciais foram tecidas à partir do meu contato inicial com comunidade, sendo que por esse motivo em diversos momentos foi utilizado a narrativa em primeira pessoa – principalmente quando há o resgate da memória.

PDS PORTO SEGURO: CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

² O PROCAD tem como objetivo “apoiar projetos conjuntos de ensino e pesquisa, em instituições distintas, que aprimorem a formação pós-graduada com vistas à melhoria das notas dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) acadêmicos, vinculados às Instituições de Ensino Superior ou Institutos de Pesquisa dos estados da Região Norte e do estado do Maranhão, que visem à diminuição das assimetrias regionais observadas no Sistema Nacional de Pós-Graduação – SNPG, conforme diretrizes do Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020”.

O PDS Porto Seguro localiza-se na mesorregião sudeste do Pará, no município de Marabá (Figura 1). Sua criação ocorreu através da Portaria INCRA/P/nº 477 de 04 de novembro 1999 que estabelece no seu artigo 1º que a criação de PDS perpassa pela lógica de interesse sociais e econômicos, através de atividades de baixo impacto ambiental.

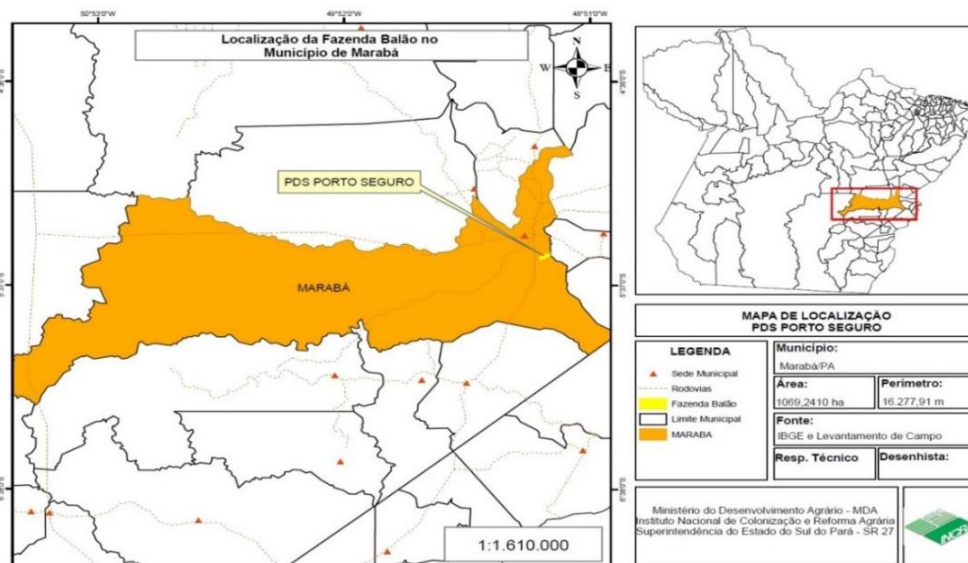


Figura 1: Mapa de localização do PDS Porto Seguro, Marabá – PA.

Fonte: INCRA(2016)

O PDS Porto Seguro localiza-se na região de fronteira no município de Marabá. O acesso se dar pela saída de Marabá,– BR 155 - até o ramal da Fazenda Taboquinha, KM 14, percorrendo-se cerca de 10 km até a Vicinal 21 de junho(INCRA,2016).

O fato do PDS Porto Seguro ter se estabelecido no processo de consolidação do território em área de vegetação nativa da antiga Fazenda Balão II, as 37 família inseridas na área de 1069 hectares organizam suas atividades agrícolas e pecuárias em sistemas agroflorestais (SAF) e criação de pequenos animais, tidas como de baixo impacto ambiental(INCRA,2015).

Assim, o sistema de produção adotado com configuração de atividades diversificadas propõe-se - no território - contribuir para reprodução social dos agricultores, como também conter processos de degradação ambiental advindos de sistemas de produção agropecuários inseridos na lógica de exploração dos recursos da

natureza, como a pecuária extensiva, impositivamente inserida como dinâmica de ocupação do território sudeste do Pará.

O PRIMEIRO CONTATO

A visita à comunidade PDS Porto Seguro ocorreu no dia 12 de março de 2019, e fui surpreendida ao entrar na área do PDS. Por ter tido contato com assentamentos da reforma agrária em que a pastagem era a principal cultura, questionei a professora que nos acompanhava se já havíamos entrado no PDS, pois era visível a distinção de paisagem da pastagem da fazenda vizinha e os fragmentos florestais formados na área do PDS.

Adentrando na área fomos recebidos na sede da associação por líderes da comunidade, que nos compartilharam o histórico de consolidação do PDS, avançado para falas que reportaram emoção ao tocar num passado tão recente nas memórias do que estavam ali presentes.

As memórias partilhadas com a turma foram de duas mulheres uma presidente da associação e outra que esteve presente desde o início firmemente afirmados por elas como um processo de resistência e luta pela terra, aqui chamadas de Ana e Maria, respectivamente, como forma de não expor suas identidades.

A compreensão da proposta de sustentabilidade para os agricultores, é necessário tocar na história dos agricultores do PDS Porto Seguro.

Segundo os relatos compartilhados na visita os agricultores que estavam acampados na sede do INCRA da SR-27 em Marabá, ocuparam em 21 de junho de 2009 a fazenda Cigana II, de propriedade de Diamantino, o acampamento fora chamado de Balão II, como forma de memorizar esta data a única vicinal que a perpassa foi dada o nome de 21 de junho: “(...) 21 de junho de 2003 é o nome que foi dado para essa vicinal a gente memorizou.” (ANA)

O processo de resistência foi marcado por três momentos de despejos, cuja a participação de atores como Comissão Pastoral da Terra (CPT), Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Universidades (Universidade Estadual do Pará – UEPA e Unifesspa) foram reportados como parceiros na dinâmica de luta e resistência dos assentados.

A área ocupada pelos agricultores constituía-se do fragmento florestal da fazenda Cigana II destinada à Reserva Legal, desta como dito pela presidente da associação a perspectiva do grupo era sobreviver nessa paisagem: “A gente veio pra cá nesse ideológico viver com a mata em pé, sobreviver com a mata em pé.” (ANA).

Nesta perspectiva, os atores citados, tidos pelos agricultores como parceiros passam a articular-se para que possam sobreviver da produção dos estabelecimentos familiares agrícolas, assim surgiram articulações para construção da vicinal que citada anteriormente memorizada como 21 de junho.

Outra memória que surge, os agricultores tem a estrada e tem produtos para ser comercializados mas faltam-lhes espaços para comercialização: “(...) imagine nossas frutas tudo colocando e não ter para onde tirar e a gente não dar conta de comer tudo isso.” (Ana)

Neste contexto, as parcerias se mostraram como articuladoras para que feiras pudessem ser organizadas, tendo agora outro elemento na paisagem a estrada que permite então o escoamento da produção.



(...) depois dessa estrada se abriu uma porta pra nós levar, escoar nossos produtos e também ter onde comercializar. Não adianta a gente levar pra rua e botar onde? Então se abriu uma porta através das parcerias. (ANA).

Surgia aí uma perspectiva, os produtos tinham como ser escoados e comercializados agora em feiras - as comunas. Neste contexto: ocupação em área de reserva, comercialização dos produtos nas feiras. O INCRA traz a proposta de consolidar no território o projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), que na sua perspectiva baseia-se em produção de baixo impacto ambiental, mas na percepção dos agricultores baseia-se em um sistema que organiza-se na produção dos estabelecimentos, produção que condiciona a reprodução social dos agricultores. Essa percepção é notada na fala de dona Ana, que em sua fala enfática, tenta deixar claro para todos os presentes como o significado de PDS para os agricultores: “(...) o INCRA veio e trouxe a ideia de criar um PDS. O que é um PDS? PDS é um projeto de desenvolvimento sustentável que a gente sobrevive do que tem.” (ANA).

A participação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA no processo de regularização fundiária em forma de PDS ocorreu na instabilidade da situação legal e o fato do acampamento Balão II estar a área de reserva

legal da antiga fazenda Cigana II, foram preponderantes para adoção de uma proposta de regularização adequada a preservação ambiental. Sendo a proposta de PDS adotada como marco legal para regularização.

A partir da fala de dona Ana, passei a me questionar se os agricultores envolvidos no processo de ocupação e assentamento tem experiências e apreensão de saberes distintos, conseqüentemente lógicas dos sistemas de produção também distintas, e estando os agricultores situados na mesorregião sudeste do Pará - região marcada por uma proposta de desenvolvimento baseada na pecuária extensiva - situar-se na proposta de “deixar a floresta em pé” de fato se dinamizaria nos sistemas de produção dos estabelecimentos familiares agrícolas.

Então passei a observar os sistemas de produção dos agricultores que tivemos contato na visita à campo e a fala dos agricultores. Na visita fomos levados a estabelecimentos que adotam o que os agricultores chamam de ‘módulo SAF’. O SAF no assentamento apresenta-se com a diversificação de atividades com açaí (*Euterpe oleracea*), cupuaçú (*Theobroma grandiflorum*) e cacau (*Theobroma cacao*) e essenciais florestais nativas (figura 2).

“A gente nunca desistiu, hoje nós já estamos colhendo dos frutos que nos plantamos” (Maria).



Figura 2: Sistemas de produção: **A)** SAF com consorciação de espécies frutíferas e florestais
B) Criação de pequenos animais.

Fonte: OLIVEIRA (2019)

As imagens nos permite compreender o firme posicionamento, mas ainda cheio de lágrimas de Maria ao retomar o processo de resistência, o qual fez parte e que lhe permitiu transbordar um sentimento de pertencimento por aquele território, marcados por lutas sociais a qual fez parte, considerando a importância da diversificação das atividades agrícolas para reprodutibilidade familiar.

Das falas, dos locais visitados, da observação do ambiente me surgiu questionamentos na tentativa de compreender a lógica de produção dos agroecossistemas locais. A diversificação das atividades arranjadas em sistemas agroflorestais de produção estaria presente em todos os estabelecimentos? Haveria estabelecimentos com outras atividades além das visitadas? Estes questionamentos também permearam o meu segundo contato com a comunidade.

O SEGUNDO CONTATO

Até onde é possível o distanciamento do objeto de estudo? Problematizar determinada situação, traz sempre o viés de suas apreensões de vivências e saberes constituída ao logo da trajetória?

Desses provocamentos, adicionados aos percebidos no primeiro contato no PDS Porto Seguro tive o meu segundo contato com a comunidade.

Este contato ocorreu durante o curso de Extensão em Sistemas Agroflorestais Agroecológicos do programa Intercâmbio de Saberes realizados no campus I da Unifesspa, em parceria da CPT, Unifesspa via PROEX e agricultores familiares. O curso dividido em quatro módulos. O primeiro módulo foi realizado no período de 22 a 25 de maio de 2019, em espaços que buscavam problematizar as realidades dos agricultores participantes e a dinâmica dos sistemas agroflorestais agroecológicos nos sistemas de produção.

As atividades foram divididas em apresentação dos participantes, dinâmica de trabalho de grupo, para permitir um diagnóstico da turma e visita a campo.

No momento da apresentação todos agricultores do PDS Porto Seguro foram os primeiros a se apresentarem, trazendo a fala de identidade quanto PDS, percebida claramente na fala de Ana.

O momento do trabalho de grupo me aproximei através de um parceiro que participou no processo de luta pela posse da terra apoiando os agricultores em suas

pautas de reivindicações, na época quanto técnico da Comissão Pastoral da Terra, os agricultores acolheram-me e escolheram-me para que eu pudesse sistematizar o trabalho de grupo proposto, chamando-me de professora, para que eu pudesse sistematizar o trabalho de grupo proposto.

Quanto ao trabalho, foi dividido os agricultores em grupos para que estes sistematizarem em uma cartolina os sistemas de produção encontrados nos estabelecimentos dos participantes, ou que fosse o lote desejado. Os agricultores do PDS optaram em reproduzir os sistemas de produção encontrados.

Que para mim, que estava permeada por dúvidas dos sistemas de produção seria interessantíssimo, pois trouxe elementos de como eles reconhecem seu território. Na parte escrita houve uma lista de espécies frutíferas, medicinais, florestais, sistema de pequenas criações – suínos e aves, mas nada tocou na pecuária extensiva. Mas no momento de sistematizar no desenho surge questionamento por quem pouco fala, um agricultor dispõe para o grupo: “*Aqui vamos colocar o pasto*”, e lhe é dito por alguns dos grupos: “*Aqui a gente não fala de pasto*”.

Após essas falas, fui inundada por mais questionamentos: A pecuária extensiva estaria presente de forma não expressiva no PDS Porto Seguro? Como seria essa organicidade da pecuária extensiva nos sistemas de produção? Ela estaria presente em estabelecimentos que não são apresentados durante as visitas a campo?

Do fruto da sistematização dos sistemas de produção, no local que fora indicado por pastagens delineou-se a área de reserva, que segundo Ana o PDS conservaria 82%, logo que a legislação ambiental vigente - Lei 12.651/12 - 25 de maio de 2012 (Novo Código Florestal) – delimita que no Brasil em região amazônica mantêm-se a conservação e preservação mínima de 80% da área destinada para Reserva Legal.

Mobilizada em compreender a dinâmica dos sistemas de produção do PDS Porto Seguro, e os questionamentos provocados no dia 25 foi realizado a visita ao PDS, lá fomos conduzidos a duas propriedades que trabalham com sistemas agroflorestais. Na primeira conhecemos seu sistema de produção e os professores da Unifesspa que o acompanhava relacionaram o micro clima e solo da área de mata com a agroflorestas, pautando a melhoria da fertilidade do solo, microbiota e bem estar em adotar SAF como alternativa tecnológica de produção.

O segundo estabelecimento familiar agrícola chamou a atenção pela mão de obra predominantemente feminina, onde o lote é trabalhado com um sistema de produção pautado no módulo que segundo a agricultora responsável pelo núcleo familiar é responsável pela agregação de renda com o cultivo de açaí (*Euterpe oleracea*), cacau (*Theobroma cacao*) e cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), tendo também a interação entre os sistemas de cultivo com criação, onde o milho (*Zea mays*) é produzido e destinado também a alimentação familiar como fonte de energia de proteínas as pequenas criações.

De todos os contatos fui permeada por questionamento, que não pretendo problematizar e chegar a uma conclusão determinística, mas sim, refletir a respeito da importância e significação dos sistemas de produção adotados no PDS Porto Seguro e se dentro dessas relações havia práticas indizíveis? No sentido de protegerem e assegurarem a sua história? Se houver, essa prática indizível seria uma prática de pouca representatividade no PDS, logo que a proposta de produção é pautada em atividades de impacto ambiental e a diversificação atividades seria para uma comunidade uma estratégia de luta e resistência?

EXISTIRIA UM INDIZÍVEL?

A partir dos questionamentos acima descritos, retomei a escrita de Paulo Rogers em “*Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*”. Neste, o autor ao imergir na comunidade camponesa por ele chamada de Goiabeira e toca nas relações que são silenciadas, naturalizadas por um imaginário da sociedade camponesa calcadas em textos que naturalizam esse silêncio - Texto Brasileiro sobre o Rural (TB). Segundo o autor é problematizando as relações do corpo e as formas que são expostas, e esta não exposição é permeada por práticas e relações dos corpos, que caracterizam a sua reprodução no meio social, mas não explícita – indizíveis. Existe, vive-se, mas não se diz (ROGERS,2016).

O conceito de affecto a partir das relações dos *corpus* em Goiabeira, como é entendida como: “potência de agir que embaralha, burla, fissura, fratura o TB, em situação imaginária sobre o corpo do camponês.” (ROGERS,2016 p.56)

Considerando as relações de indizíveis impostas pelo TB à sociedade camponesa, o indizível no PDS Porto Seguro seria permeado por práticas dos sistemas

de produção que não precisariam e/ou pudessem ser expostas aos que chegam? Neste caso, se houvesse, a pecuária extensiva, seria o indizível daquela comunidade? Partindo do conceito de affectos, as prática da pecuária extensiva seria a fratura do imaginário trazido pelo o INCRA ao estruturá-los em PDS?

Desta forma, uma força externa (Estado, na face do INCRA) que por necessidade de marco legal estabeleceu sistemas de produção pautados em atividades de baixo impacto ambiental implicaria em ocultação de práticas que poderiam ser realizadas pelos agricultores antes deles serem assentados em PDS?

Passo a questionar-me se a presença de um indizível seria uma estrutura de resistência, quanto ao espírito de pertença que foi permeado por todo o processo de luta e conquista do território.

Desta forma, seria então o indizível uma estratégia de resistência, resistência quanto a dominação do corpus, neste caso o corpus seria os seus sistemas de produção, que se adequaram para garantir a reprodutibilidade familiar dos estabelecimentos agrícolas?

O INDIZÍVEL: REPRODUÇÃO DA SOMBRA

Partindo da reflexão de indizível na sociedade camponesa de Goaiibeiras esta seria a contraposição de práticas agrícolas silenciadas, esquecidas e/ou não ditas no TB em prol de um ideário sobre o rural? (ROGERS,2016).

Do imaginário criado sobre o campo, aproximando a reflexão para a mesorregião sudeste do Pará, com uma lógica de produção pautada na pecuária extensiva esta se apresentaria como uma caverna para o campesinato na região. Sobre a perspectiva de uma caverna, que aprisiona os homens pelo não conhecimento e comodismo de ficar em uma zona de conforto de um ideário imaginado e implantado Platão na Alegoria da Caverna em *A República* traz homens que passaram a vida toda aprisionados por trás de muros que sua visão só enxergava sombras, desconhecendo a realidade e quando um dos seus sai da caverna, ver através da luz do sol o que são objetos da realidade, traz um certo desconforto ao olhar, a estranheza do diferente (PLATÃO,2016).

Assim, pensando os sistemas de produção do PDS Porto Seguro, os SAF se configuram como resistência a lógica de produção disposta para o campo da mesorregião sudeste do Pará. Logo que o sentimento de pertença ao território e a lógica de produção diversificada aportando-se em SAF apresentaram-se latentemente nas falas de Ana e Maria, acreditando que esse sistema de produção contribuirá para a reprodução social dos agricultores do PDS. A pecuária extensiva caso realmente exista no território e seja percebida na lógica do indizível, sinaliza para reprodução da sombra da proposta de desenvolvimento exógeno que foi paulatinamente exposta a agricultura familiar na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão com este não era trazer afirmativas sobre o PDS Porto Seguro, mas problematizar através de questionamentos da paisagem, das falas e dos comportamentos dos agricultores como se dinamiza a agricultura familiar no assentamento, imerso em uma lógica de produção sustentável e inserido em uma região marcada por propostas de desenvolvimento local exógeno.

Sendo a reprodutibilidade familiar dos agricultores familiares do PDS Porto Seguro forjada diariamente em uma diversidade de vieses, econômico, social e político que lhes asseguram no território. Desta pluralidade de vieses, os sistemas agroflorestais se apresentam como alternativa tecnológica, e caso haja presença de pecuária extensiva é interessante maior aprofundamento para compreender como esta se dinamiza nos diferentes estabelecimentos agrícola.

AGRADECIMENTO

Á Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa- FAPESPA pela concessão da bolsa de estudo à mestranda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA.F.S.de. **Assentamentos Rurais no Sudeste Paraense: Novos Territórios Rurais e a Pluriatividade como estratégia de reprodução social no PA Belo Vale, Marabá-PA.** Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia) –Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2016.
- BECKER, Bertha Koiffmann. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?. **Revista Parcerias Estratégicas** . v. 6 n. 12. p.135-159. Set, 2001. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/178/172 Acesso em: 14 jan. 2019.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia. Disponível em: <https://capes.gov.br/bolsas/programas-estrategicos/desenvolvimento-regional/procad-amazonia> Acesso em: 18 nov. 2019.
- DIAS-FILHO, Moacyr Bernardino. **Diagnóstico das pastagens no Brasil.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2014. 36 p. ISSN 1983-0513. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/986147/1/DOC402.pdf> Acesso em: 14 jan. 2020.
- DUBOIS, Jean. **Manual agroflorestal para a Amazônia.** vol. 1. Rio de Janeiro: REBRAF, 1996.
- HÉBETTE, Jean. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia** Belém: EDUFPA, 2004. v. 03. p. 55. a.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA (2015). Incra transforma área emblemática de conflito agrário em dois assentamentos no Sul do Pará. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/noticias/incra-transforma-area-emblematica-de-conflito-agrario-em-dois-assentamentos-no-sul-do-para> Acesso em: 25 abr. 2019.
- _____. (2016). **Plano de uso: Projeto de Desenvolvimento Sustentável Porto Seguro.**
- MARTINS, Simone Alves.; MORENO, Glaucia de Sousa. Processos de resistência no sudeste do Pará: o acampamento Frei Henri frente ao agronegócio. In: SILVA JUNIOR, Amintas L. Da (Org). **Educação do campo, agroecologia e questão agrária: a experiência do curso de residência agrária na construção do IALA amazônico.** Marabá: iGuana, 2018. 417 p. ISBN: 9788568819142.
- MICHELLOTTI, Fernando. Luta pela Terra e Assentamentos no Sudeste do Pará. In: **Encontro da Rede de Estudos Rurais**, 3. 09 a 12 de setembro de 2008, Campina Grande –PB.
- ROGERS, Paulo. Os afectos mal ditos: o indizível das sociedades camponesas. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, 2016.
- ROSA, Marcelo Carvalho. Ocupações de Terra. In: CALDART, Roseli Salette (Org). **Dicionário da educação do campo.** 2. ed. Rio de Janeiro São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio Expressão Popular, 2012.p. 511- 514.
- VELHO, Otávio Guilherme. **Frete de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônia** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, 172p. ISBN: 978-85-9966-291-5.

RECEBIDO EM: 10/02/2020

PARECER DADO EM: 12/05/2020



www.revistafenix.pro.br